



Teorias da sociedade em rede

Theories of network society

João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima⁽¹⁾

Página | 2174

⁽¹⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2744-0025>; Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Professor Associado IV da UFAL, BRAZIL, E-mail: jvcostalima@gmail.com.

Recebido em: 12 de maio de 2020; Aceito em: 23 de junho de 2020; publicado em 10 de 07 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

APRESENTAÇÃO

O desafio em construir o presente Dossiê “Teorias da Sociedade em Rede” para a *Diversitas Journal* tem origem nas leituras e discussões da disciplina do mesmo nome oferecida no segundo semestre de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFAL que miravam a construção de problemas teóricos e empíricos que incidiam sobre as teorias sociais focadas nos processos contemporâneos em rede, seja aqueles referidos à (des)construção de identidades, interação, produção do conhecimento, as dinâmicas formativas da ideologia, cultura, dos conflitos, as configurações econômicas e seus interesses, passando pelas disposições políticas e seus desdobramentos para a compreensão da democracia contemporânea.

Irremediavelmente chegamos a um objeto comum de investigação pela aglutinação dos repertórios teóricos convergentes: sociedade em rede ou sociedade da informação e de um espectro de temas variados sob os quais as pesquisas empíricas têm testado a validade de algumas de suas hipóteses.

O ponto de partida das reflexões foi Manuel Castells e sua icônica obra “*A Sociedade em Rede. A Era da informação*”, de 1996, em que expande suas hipóteses sobre os mecanismos estruturantes da sociedade informacional para os subtemas da economia, cultura, identidade, do conhecimento e da ação política. Todavia, outras referências valiosas têm circundado as discussões, qualificando-as: Norbert Elias (Teoria Configuracional), Mark Granovetter (Teoria da Imersão), Bruno Latour (Teoria Ator-Rede). E, longe estamos de alcançar algum consenso confortável sobre os limites e possibilidades desse campo teórico e multifacetado.

Novos temas conexos foram ganhando forma e sombra: as discussões de gênero, ativismos políticos provocados e seus códigos em rede, novas violências e conflitos intersubjetivos, as novas mídias e redes sociais, os dilemas da ciência relativamente à ética em novos contextos tecnocientíficos de produção do conhecimento, as relações entre sistemas de informação e cyber terrorismo, economia política da informação e da comunicação, dentre outros temas.

Assim, os pós-graduandos de Sociologia submetem ao público resultados parciais de suas pesquisas que tem interface com este centro de problemas teóricos e empíricos. O primeiro texto de Silva & Maia, intitulado **“As tecnologias da informação no Brasil: um ensaio sobre a ampliação dos processos tecnológicos no período de 1995 a 2010”** busca reconstruir o início do mercado brasileiro da internet a partir das matérias publicadas em sites variados ao longo dos 15 anos iniciais da internet no Brasil relativamente ao uso da internet pelos brasileiros e do esforço do Estado para criar e controlar o mercado da internet. O artigo trata das preocupações com os impactos da internet e da tecnologia na vida de seus usuários e dos dispositivos jurídicos necessários para a proteção dos indivíduos no cotidiano do uso da internet. Esse material sofre o tratamento teórico que implica na desnaturalização das questões sobre o uso da internet no Brasil.

O artigo percorre desde os aspectos do armazenamento e processamento de dados por empresas que ao longo do tempo criaram um monopólio de informações, questionando o controle por parte das empresas sob uma miríade de assuntos do cotidiano filtrados por interesses diversos, críticos e conflitivos. Torna-se relevante abordar as disposições jurídicas criadas por agências do estado na tentativa de controlar o mercado e o uso das tecnologias por parte dos usuários finais. Isto inclui as primeiras leis que demarcavam os crimes relacionados à internet e, colocava em destaque, a discussão relacionada à garantia da privacidade dos indivíduos na internet. Os autores realizam enorme esforço pra demonstrar sociologicamente que os usos das tecnologias são compatíveis com significados atribuídos e, por isso, a tecnologia e a inovação tanto podem ser meio para a transformação da sociedade quanto a de fomentadoras de crises profundas.

No texto de Carvalho e Bittencourt, **“Redes de jovens grafiteiros em Maceió: As transformações e possibilidades”**, o foco analítico é de como as redes digitais impactaram as redes de jovens grafiteiros da cidade de Maceió. O background sociológico é o próprio entendimento de como a sociedade informacional tem

possibilitado novos arranjos nas redes off-line e online, estabelecendo uma cultura da virtualidade, onde o ciberespaço e o mundo concreto se misturam. Desta forma, as redes digitais possibilitam reinvenções das identidades e ambientes de disputas dos atores. Novas formas de sociabilidades (em rede) têm se tornado realidade pelo uso das ferramentas e tecnologias de comunicação e informação a gerar deslocamentos das formas clássicas de presença no espaço público. Estas sociedades conectadas pela internet têm transformado as sociabilidades de jovens grafiteiros em Maceió e suas redes de interdependência. Os resultados da pesquisa que dão vida ao artigo foram obtidos por meio de uma etnografia das redes dos jovens grafiteiros que considera o enredamento de significados intrínsecos à interação pesquisador/pesquisado.

Ferreira e Lima perscrutam sociologicamente, no artigo **“Redes cômicas: uma abordagem Elisiana sobre como pesquisar o humor na internet e as reverberações subliminares em torno do Meme”**, o fenômeno do Meme como forma de comunicação em rede pelos recursos metodológicos proporcionados por Norbert Elias, Jessé de Souza e Giddens. Categorias analíticas ganham centralidade na análise: consciência, redes de interdependência, história, relações de poder, figurações e as regras do jogo. Esse enquadramento teórico-metodológico permite aos autores a compreensão das próprias redes e seus efeitos.

O dado empírico é o fenômeno Meme: a frequência/intermitência com que aparece nas redes sociais, os dispositivos que aciona e suas ferramentas, e os processos cognitivos respectivos de intencionalidade e autocritica a organizar os elementos e as formas de comunicação e suas figurações.

A relação do Meme com a dimensão do humor expõe, dentre outras realidades, a crise da democracia liberal e do sistema neoliberal e suas repercussões nos campos econômico e social: exclusão, aumento do desemprego, geração de crises e bolhas econômicas, esfacelamento dos poderes. Isto é visível pela perda de autonomia dos Estados-Nações na formulação das políticas públicas e no tocante à capacidade de fiscalização e regulação do mercado.

Ferreira & Lima em **“Ciberfeminismo: feministas tecem uma nova rede”** abordam a apropriação das tecnologias de informação e comunicação pelas feministas que culminaram com o fenômeno do ciberfeminismo. A despeito de ser um conceito polissêmico, torna-se chave explicativa do processo de mobilização política das feministas, marcadamente reconhecidas pelo uso dos meios de comunicação digitais. Os significados de ciberfeminismo são difusos, vinculados a cibercultura e seus códigos,

além de invitarem a mobilização. O ciberfeminismo do presente mostra-se como uma nova rede social tecida pelas feministas e com força para engendrar uma mudança paradigmática.

O presente artigo recupera os caminhos percorridos pelo conceito de ciberfeminismo em uma teia de significados e processos de ressignificação embebidos de roupagens teóricas, a começar pelo “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” de Donna Haraway, lançando em 1985, como primeira expressão do que, posteriormente, seria denominado ciberfeminismo. A ideia da descorporificação no ciberespaço critica a naturalização de uma suposta matriz identitária, a da mulher branca estadunidense. Há uma potência político-discursiva dada pela não identidade, pela consciência do corpo feminino histórico e socialmente constituído. O manifesto de Donna Haraway problematiza a relação do gênero com a tecnologia e, sobretudo, da apropriação da tecnologia pelos feminismos e pela diluição da polaridade do público e do privado.

Rodrigues, Barbosa & Santos, em “**Dilemas conceituais de etnografar uma rede de envolvidos no crime: facção, família e proteção em Alagoas**”, analisam as imagens de um homem sendo espancado que circula por diferentes grupos de WhatsApp de garotos envolvidos com o crime em Alagoas. São grupos de vizinhança em periferias de Maceió, grupos afeiçoados a um gênero musical. À distância apenas de um impulso e de um clique, o vídeo parece ter circulado entre aliados e moradores de quebradas que “correm com o CV” a sinalizar que, tendo sido infringida uma regra, a *facção* criminosa reitera a força do seu código através do castigo. Vigora uma força coletiva, a *facção*, que opera como uma rede de proteção entre pessoas que sobrevivem em mercados ilegais e, para tanto, impõe obrigações morais a seus membros. O comportamento criminoso de jovens pertencentes a facções ganha nova força analítica quando imersos à noção de rede a conectar-se a uma economia informal e informacional que se replica pelo mundo a fora. E assim, os autores se deparam com um novo padrão criminal que associa rede e flexibilidade de circulação de pessoas e bens, atuando em diferentes níveis de ligações mútuas mediadas pelas novas tecnologias informacionais, reforçadas pelas ligações socioafetivas através das quais dinamizavam redes de justiça e de proteção criminal.

Em “**Teoria Crítica, ideologia e cultura moderna: o conceito de “indústria cultural”** sob o paradigma da tecnologia da informação”, Soares do Bem e Almeida auscultam a obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer para tratarem das relações sociais intermediadas por tecnologias e meios de

comunicação de massa no final de 1940, a partir do conceito de “indústria cultural” e da crítica da ideologia em a *Dialética do Esclarecimento* para inquirir sobre o alcance dessa discussão com o “paradigma da tecnologia da informação” de Manuel Castells, que, por sua vez, teoriza sobre os impactos dos inúmeros avanços da tecnologia sobre o mundo contemporâneo e de que sua formatação digital e estruturação em rede engendraram as esferas da ação e da interação social. O presente artigo conecta as linhas argumentativas de Castells e Adorno e Horkheimer sobre o fenômeno da “razão instrumental” e seus significados para a elucidação das sociedades digitais atuais e as relações sociais intermediadas por tecnologias.

João Vicente Ribeiro Barroso da Costa Lima

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFAL)